



A POBREZA E A VISÃO DE SI NA PERSPECTIVA DE ADOLESCENTES QUE PARTICIPAM DE UM CRAS EM PARNAÍBA

POVERTY AND THE VISION OF HIMSELF TO PARNAÍBA'S CRAS TEENEGERS

Julianna Sampaio De Araújo
Universidade Estadual De Campinas(UNICAMP)

RESUMO:

O trabalho direciona-se a refletir sobre a vivência da pobreza na perspectiva de estudantes adolescentes do município de Parnaíba/Piauí. Investigou-se qual a compreensão que os adolescentes têm de si e, como representam conceitos como: pobreza, pobre e educação. Trata-se de um estudo qualitativo, cujo delineamento metodológico utilizado consistiu na realização de semiestruturadas dirigidas à sete adolescentes com idades entre 13 e 16 anos. Os dados foram organizados em dimensões compreensão de si, compreensão de pobreza e educação, desafios para a escolarização e motivações pessoais e expectativas de futuro. Os resultados indicam que os adolescentes afirmam acreditar na continuidade dos estudos como estratégia para melhorar as condições de vida individuais e da família e que para eles a superação da pobreza está diretamente ligada ao desempenho escolar e acadêmico destes jovens.

Palavras-Chave: Pobreza. Compreensão de si. Escolarização.

ABSTRACT:

The paper aims to reflect on the experience of poverty from the perspective of adolescent students in the municipality of Parnaíba / Piauí. We investigated the adolescents' understanding of themselves and how they represent concepts such as poverty, poverty and education. It is a qualitative study, whose methodological design used consisted in the accomplishment of semistructured ones directed to seven adolescents between 13 and 16 years old. The data were organized in dimensions of self-understanding, understanding of poverty and education, challenges to schooling and personal motivations and expectations of the future. The results indicate that the adolescents claim to believe in the continuity of the studies as a strategy to improve the individual and family conditions of life and that for them the overcoming of poverty is directly linked to the academic and academic performance of these young people.

Keywords: Poverty. Understanding of self. Schooling.

1 INTRODUÇÃO

II Simpósio Internacional sobre Estado, Sociedade e Políticas Públicas

“Estado e Políticas Públicas no Contexto de Contrarreformas”

20, 21 e 22 de junho de 2018

Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas - UFPI - Teresina - Piauí



Esse estudo se direciona a refletir sobre a vivência da pobreza na perspectiva de estudantes adolescentes do município de Parnaíba/Piauí. Investigou-se qual a compreensão que os adolescentes têm de si e, como/se representam conceitos como: pobreza, pobre e educação.

A intenção era investigar: Como os adolescentes se descrevem? Eles se reconhecem como pobres? Quais discursos atravessam a compreensão de pobreza que tem? O que eles compreendem como educação? Quais expectativas de futuro alimentam? Que aspectos da vida subsidiam suas expectativas?

Para tanto, foram entrevistados sete adolescentes, com faixas etárias entre 13 e 16 anos que, além de regularmente matriculados em escolas municipais de Parnaíba tem como característica comum o fato de freqüentarem o projeto Projovem no Centro de Referência em Assistência Social (CRAS) Mendonça Clark e de residirem em bairros que compõe a área de abrangência desse dispositivo de Assistência Social.

Os adolescentes foram abordados e entrevistados no próprio CRAS Mendonça Clark, e as perguntas feitas seguiam a um roteiro de entrevista semiestruturada previamente estabelecidas pelas pesquisadoras.

As entrevistas foram transcritas e processadas no software de análise textual IRAMUTEQ. Em seguida como procedimentos de análise e tratamento dos dados, apoiamo-nos na técnica de Análise de Conteúdo com base em Minayo (2006).

Os resultados foram organizados em quatro grandes eixos de discussão, sendo eles: a) Como os educandos concebem a si mesmo, b) O que compreendem por pobreza e educação, c) Os desafios que enfrentam para estudar e d) Motivações pessoais e expectativas de futuro.

2 A POBREZA E A VISÃO DE SI

A pobreza é fenômeno complexo e multifacetado que atravessa questões como: a classe social e econômica, o lugar de residência, a região do Brasil, a presença do Estado, ausência de serviços básicos e infra-estrutura, a etnia, a cor da pele, o gênero, a composição familiar, as expectativas de mudança e ascensão social etc. e que interfere diretamente no processo de construção de subjetividade.

No Brasil, de uma forma geral, predominam duas concepções a respeito do fenômeno pobreza: uma que afirma que a pobreza se radicaliza em causas individuais e, outra, que afirma a

II Simpósio Internacional sobre Estado, Sociedade e Políticas Públicas

“Estado e Políticas Públicas no Contexto de Contrarreformas”

20, 21 e 22 de junho de 2018

Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas - UFPI - Teresina - Piauí



pobreza como problema emergente da estrutura e desigualdades sociais provocadas pelo capitalismo (PONTES, 2010).

A primeira perspectiva, de acordo com Rego e Pinzani (2015), tende a atribuir a pobreza às perspectivas moralistas ou liberais que consideram que a situação econômica que se tem é fruto de uma estrutura hierárquica já existente e imutável e/ou que atribuem a pobreza à julgamentos morais sobre a conduta dos indivíduos. Ex: “É pobre porque nasceu assim”, “porque o sistema é assim...”, “porque é preguiçoso”, “não quis estudar”, “é acomodado”, “recebe o bolsa família”

Segundo Telles (2001), a partir da predominância desta perspectiva existe no Brasil certa *naturalização da pobreza* que, a partir de determinantes históricos, econômicos e culturais se refletem em padrões normativos e que ditam os processos de subjetivação das pessoas em situação de vulnerabilidade econômica e, nas próprias representações que os pobres têm de si.

As próprias pessoas pobres tendem a atribuir sua condição de pobreza à falhas de caráter ou moral ou, ainda, a não se reconhecem enquanto pobres, mesmo passando por dificuldades financeiras, por não atribuírem a si as características negativas daquele grupo.

Dessa forma é preciso reconhecer, compreender e afirmar que a história de colonização do Brasil, a dominação e extinção de índios e povos nativos por portugueses e outros colonizadores, o perfil escravagista que o país manteve e a escravidão negreira como principal fonte de mão de obra durante longos períodos, a abolição tardia da escravatura, o incentivo à imigração européia como estratégia de “embranquecer” a população brasileira, etc, são aspectos importantes para compreender ou problematizar a sociedade brasileira que temos hoje, suas características, problemas, dificuldades, desigualdades, padrões de comportamento, condutas moralizantes e representações sociais.

Reconhecer essa história torna possível afirmar que as desigualdades econômicas e sociais que existem no Brasil têm raízes na estrutura que compôs o país. Assim, pobreza, miséria e exclusão precisam ser compreendidas enquanto fenômenos históricos e estruturais para que se almejem estratégias de transformação desta realidade.

E, para alcançar processos de transformação social e da compreensão de pobreza é preciso, a princípio, transformar a visão de que o pobre é o único responsável pela superação de sua condição econômica através da falsa idéia de que o sucesso acadêmico e a escolarização são suficientes para romper com o ciclo da pobreza e garantir a inserção no mercado de trabalho.

II Simpósio Internacional sobre Estado, Sociedade e Políticas Públicas

“Estado e Políticas Públicas no Contexto de Contrarreformas”

20, 21 e 22 de junho de 2018

Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas - UFPI - Teresina - Piauí



Por isso se sugere romper com as concepções moralizantes de pobreza e as concepções hegemônicas de conhecimento para que a tarefa de romper com as desigualdades econômicas não seja uma responsabilidade socialmente atribuída às crianças e adolescentes pobres.

Dessa forma este trabalho se faz relevante uma vez que se propões a apreender a representação que adolescentes que vivem em contextos empobrecidos tem de si e, como compreendem o pobre, a pobreza e a educação. Com este estudo será possível balizar a compreensão moralista da pobreza atravessa o discurso de adolescentes pobres e, até que ponto eles mesmos projetam na escolarização e em seu desempenho acadêmico a principal expectativa de um futuro melhor.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente as entrevistas realizadas foram integralmente transcritas e exportadas para o software de análise textual IRAMUTEQ. Este programa permite fazer análises estatísticas sobre corpus textuais e sobre tabelas indivíduos/palavras. O uso do programa teve como objetivo nesta pesquisa gerar a análise de similitude de palavras presentes no texto e, produzir a nuvem de palavras que foram mais freqüentes nos discursos dos adolescentes e que melhor representam suas respostas.

Figura 1 - Principais termos relatados pelos adolescentes:





As perguntas realizadas giravam em torno de aspectos que dizem da compreensão de si, do pobre, da pobreza, da educação, dos desafios e dificuldades em dar continuidade ao processo de escolarização e das expectativas de futuro que os adolescentes entrevistados projetam.

Assim, a árvore de análise de discurso na imagem que segue permite visualizar que a palavra *não* teve o maior índice de repetições durante as entrevistas, seguido dos termos *gosto, estudo, formar, família, querer* que serão melhor analisados e problematizados nas categorias temáticas que seguem.

3.1. Como os educandos concebem a si mesmo

Essa categoria inicial pretende apresentar os adolescentes que participaram da pesquisa. A pergunta geradora nesse quesito era *“Se eu pedisse para você se apresentar, como você faria? Quem é você?”*. O objetivo era identificar como os adolescentes se reconhecem, qual a visão de si, como se descrevem, quais características atribuem a si.

Todos os adolescentes entrevistados se apresentaram relatando nome e o local/bairro em que vivem. Este aspecto destaca a importância que estes adolescentes dão ao território como ferramenta útil no processo identitário e de reconhecimento de quem são.

“Me chamo FA, moro no Mendonça Clark” (E1, 16 anos)

“Meu nome é DE, tenho 14 anos, moro na Vazantinha, na Ilha Grande” (E2, 14 anos)

“Meu nome é DA, tenho 13 anos, moro na Vazantinha” (E3, 13 anos)

“Meu nome é NF, tenho 14 anos, sou de Brasília” (E4, 14 anos)

“Meu nome é ML, tenho 14 anos, eu moro aqui no Bairro Mendonça Clark” (E5, 14 anos)

Eles são Mendonça Clark, Vazantinha, Brasília e as relações que estabelecem entre pessoas e nesses lugares. O território é dimensão simbólica utilizada como descritor de si.

Como afirma Santos (1986), territórios são campos vivos e em constante transformação, espaços construídos e constituídos a partir das relações humanas em atravessamento com questões geográficas, históricas, culturais, sociais e econômicas. Assim ao mesmo tempo em que é formado a partir das transformações e relações humanas, também forma e representa estes homens.

Além do território, quando perguntados quem são, alguns adolescentes fizeram referência às pessoas com quem vivem. Pai, mãe, irmãos e primo foram alguns dos descritores utilizados o que

II Simpósio Internacional sobre Estado, Sociedade e Políticas Públicas

“Estado e Políticas Públicas no Contexto de Contrarreformas”

20, 21 e 22 de junho de 2018

Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas - UFPI - Teresina - Piauí



reforça a proposição de que os grupos com que se convive e que se estabelecem relações são parâmetros na construção das subjetividades de casa adolescente e, justifica o termo família ter tido significativa relevância na frequência dos termos verbalizados.

Os adolescentes entrevistados têm entre 13 e 16 anos e todos estão regularmente matriculados em escolas do município e pertencem à famílias bolsistas do Programa Bolsa Família. A frequência escolar foi um dos critérios de seleção da amostra uma vez que é indicado para participar dos programas e projetos do CRAS e, condicionalidade para que a família do estudante receba o benefício do Programa Bolsa Família.

Assim, os participantes eram seis do sexo feminino e apenas um do sexo masculino. Apenas duas adolescentes relataram histórico de repetência escolar. Entretanto observa-se significativo índice de distorção série/idade e defasagem escolar entre educandos da mesma faixa etária.

Dessa forma, enquanto se tem um dos adolescentes cursando o Ensino Médio paralelo a um curso Técnico, observa-se que três dos entrevistados estão em situação de distorção entre a idade que têm e a série que deveriam estar cursando. Esta defasagem pode ser observada até mesmo entre os entrevistados que não relataram ter repetido o ano escolar, como pode ser visualizado na tabela que segue.

Tabela 1 – Dados sócio-demográficos

Entrevistado	Sexo	Idade	Unidade Escolar	Série	Histórico de Repetência	Distorção Série/Idade
E1	M	16	Liceu Parnaibano	2º ano do Ensino Médio + Curso Técnico Integrado	Não	Não
E2	F	14	Unidade Escolar Padre Rainundo José Vieira	9º ano do Ensino Fundamental	Não	Não
E3	F	13	Escola Municipal Evangelina Rosa da Silva	9º ano do Ensino Fundamental	Não	Não
E4	F	14	Escola Comercial	9º ano do	Não	Não

II Simpósio Internacional sobre Estado, Sociedade e Políticas Públicas

“Estado e Políticas Públicas no Contexto de Contrarreformas”

20, 21 e 22 de junho de 2018

Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas - UFPI - Teresina - Piauí



			de Parnaíba	Ensino Fundamental		
E5	F	14	Escola Municipal Godofredo de Miranda	6º ano do Ensino Fundamental	Sim	Sim
E6	F	15	Escola Municipal Evangelina Rosa da Silva	5º ano do Ensino Fundamental	Não	Sim
E7	F	15	Escola Municipal Evangelina Rosa da Silva	4º ano do Ensino Fundamental	Sim	Sim

Este aspecto pode ter como causas a tardia inserção em unidades de ensino, aspecto comum em alguns contextos rurais e/ou empobrecidos que tem dificuldade na distribuição de dispositivos escolares no território.

Nesse sentido, condicionar a matrícula e frequência escolar de crianças/adolescentes como pré-requisito para que famílias tenham acesso à bolsa do PBF pode ser uma aspecto que venha a minimizar a tardia inserção de crianças na escola, entretanto, essa estratégia exige a responsável familiar procure por unidades escolares distantes e de difícil acesso de suas áreas de residência.

Assim, pode-se problematizar até que ponto a condicionalidade educacional atribui a responsabilidade do acesso de crianças às escolas para as próprias famílias, minimizando o papel que o Estado tem de garantir ensino público de qualidade e acessível às famílias independente de seus territórios de residência.

3.2. O que compreendem por pobreza e educação

A segunda etapa de análise consistiu na interpretação dos termos e orações verbalizadas pelos adolescentes entrevistados quando perguntados a respeito do que compreendem pelos termos: pobreza, pobre e educação.

Quando solicitados que relatassem palavras que associavam quando ouviam a palavra-estímulo pobreza e pobre e/ou perguntados a respeito do que compreendiam sobre o que é pobreza as palavras: *não* e *falta* foram os vocábulos que mais se repetiam.

II Simpósio Internacional sobre Estado, Sociedade e Políticas Públicas

“Estado e Políticas Públicas no Contexto de Contrarreformas”

20, 21 e 22 de junho de 2018

Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas - UFPI - Teresina - Piauí



Para os adolescentes entrevistados pobreza é “*não ter o que comer*”, “*não ter onde morar*”, “*não ter saúde*” ou ainda “*falta de moradia*”, “*falta de saúde*”. Para eles o pobre é aquele “*não tem dinheiro*”, “*não tem condições*”, “*que tem vontade de ter o que não pode*”, “*que não pode comprar o que quer*”. A negação, a falta, a ausência e a impossibilidade de algo são o que para eles termos que significam e dão sentido ao empobrecimento.

Apesar disso, um aspecto interessante e de possível questionamento que a entrevista suscitou é que, a maioria dos entrevistados associou a pobreza com a imagem do morador de rua. Assim foi recorrente nas respostas dizer que “*pobre é o morador de rua*”, que “*não tem onde morar*”, é o que “*não tem o que comer*”.

Ao passo que estas respostas materializam uma representação imagética do que é a pobreza é possível problematizar que a imagem feita do pobre não corresponde com a que eles têm. Isto é, apesar de viverem em condições de desigualdade econômica e em bairros economicamente vulneráveis para seis dos adolescentes entrevistados o pobre é o morador de rua, é o que não tem casa, não tem um lugar, o que não corresponde diretamente com a condição em que estes vivem. (Todos tem casa, tem moradia, apesar do entorno em que vivem, e as próprias habitações, denotar a desigualdade econômica presente no país.)

Nesse aspecto, associando com a categoria anteriormente discutida, é interessante problematizar que ao falar de si, ao se apresentarem, todos os entrevistados relataram o lugar de onde são, o bairro de suas residências. “*Eu sou do bairro Mendonça Clark*” e “*Pobreza é não ter onde morar*” estas duas respostas podem abrir espaço para os seguintes questionamentos: Os adolescentes entrevistados não se reconhecem como pobres? Eles associam pobreza ao morador de rua mas, se definem relatando o bairro de residência como forma de afastar o estigma sobre a pobreza? O discurso da negação e da falta são atravessados por qual concepção de pobreza?

Como forma de responder a este último questionamento, uma das entrevistadas trouxe em sua fala um discurso bem emblemático do que é a visão moralista sobre a pobreza. A idéia de que o pobre é responsável por sua condição econômica e que não consegue ascender ou transformar sua realidade porque não quer ou não se esforça o suficiente para isso.

“Pobreza significa os pessoal lá de rua, os mendigo que tão lá, sei lá os que não quiseram ser alguém na vida.

Pobre é a uma pessoa que não terminou os estudo que não quis é, se formar pra ganhar dinheiro, pra ter seu salário.” (E4, 14 anos)



Para essa adolescente o pobre é aquele que não quis ser alguém na vida, o que não quis estudar para garantir sua independência financeira. Relatos que ignoram a desigualdade econômica como problema estrutural e que diz de todo um processo histórico, econômico e cultural.

Apenas um dos entrevistados relatou o pobre e a pobreza como aspecto mais estrutural e vivenciado por diferentes pessoas na atualidade, não associando o empobrecimento a uma figura estigmatizada como o morador de rua

“Pobreza é o que a maioria das pessoas enfrenta hoje em dia.

Pobre é a pessoa que não tem condições financeiras adequadas. Que enfrenta dificuldades.” (E1, 16 anos)

Dessa forma pode-se sinalizar que, a maioria dos adolescentes entrevistados tem uma visão estereotipada da pobreza e do pobre e que sustentam muito que o pobre é responsável por sua condição associando a isso a pouca vontade e motivação para transformar sua realidade.

Quanto à compreensão que têm a respeito do que é educação, as respostas dos adolescentes giraram em torno da educação enquanto respeito para com os mais velhos, os pais e o fato de ser cordial e não ser preconceituoso com as pessoas.

“Educação é Tudo.” (E1, 16 anos)

“As pessoas que respeita os mais velhos, os novos e... as pessoas em geral. Não tem preconceito.” (E2, 14 anos)

“É um, filho respeitar os mais velhos e a mãe ta sempre educando, tanto quanto o professor educa na escola em outro local como a gente participa aqui no CRAS e... em casa.” (E3, 13 anos)

“Educação é tudo né, porque a pessoa tem que ter educação pra...” (E4, 14 anos)

“E a educação, não tem. Educação significa pra mim é... respeito... só” (E5, 14 anos)

3.3. Os desafios que enfrentam para estudar

Em seguida partimos para análise dos desafios que estes adolescentes enfrentam para continuar estudando. Em suas colocações observamos que o principal fator de dificuldade é a distância segundo eles:

Problema de transporte, até por que por condição financeira da minha família, pra pegar van todo dia. Falta dinheiro às vezes. (E1, 16 anos)

II Simpósio Internacional sobre Estado, Sociedade e Políticas Públicas

“Estado e Políticas Públicas no Contexto de Contrarreformas”

20, 21 e 22 de junho de 2018

Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas - UFPI - Teresina - Piauí



... se eu perder o escolar, aí tem que comprar vale pra ir de van. Tem vez que o transporte escolar passa 12 horas e ele traz a gente de volta. Mas tem vez que ele esculhamba aí ele não vai, aí a gente tem que voltar a pé. (E2, 14 anos)

O sol quente. E não tem ônibus. Eu sei que é perto mais podia ter pelo menos um carro pequenininho para pegar a gente. (E3, 13 anos)

Pedimos ainda, que cada adolescente apontasse o que não gosta na escola, observamos que as respostas foram varias. Falaram da merenda, da qualidade do material didático: “É... das merendas, do material.... material é didático, porque é muito fraco”. Mas quando perguntamos sobre o que eles gostam na escola observamos em suas respostas que eles acreditam que escola é um espaço de transformação para realização de cada um.

Eu gosto da competência que os professores têm. Porque a maioria das escolas que tem por aí falta muito professor (E1, 16 anos)

Gosto das aulas, da estrutura, dos professores. (E2, 14anos)

O que eu gosto na minha escola é, eu gosto de estudar e quando chega a hora do recreio. (E3, 13 anos)

Eu gosto de estudar português e eu gosto muito da merenda. (E5, 14anos)

3.4. Motivações pessoais e expectativas de futuro.

Por fim, foi perguntado aos adolescentes “O que te motiva/o que te faz continuar frequentando a escola?” e “O que você espera ou deseja para o seu futuro?”. Dessa forma, nesta categoria será sinalizado o que os entrevistados relataram no plano dos desejos e planos que pretendem alcançar.

Foi unânime entre os entrevistados que a motivação para dar continuidade à frequência escolar é o desejo de concluir os estudos. A conclusão do ensino regular e a possível inserção em algum curso superior aparece, associado a termos como “sonho”, “futuro”, “profissão”, “emprego” e “ajudar a família”.

É que é assim, eu acredito que educação é tudo. Mais na frente vou me concursar, me terminar os estudos e possivelmente ter mais oportunidades de emprego melhor (E1, 16 anos)

Dessa forma, observa-se que no discurso dos adolescentes a idéia de que é possível romper com o ciclo da desigualdade econômica através da escolarização é afirmada e sustentada. Tal

II Simpósio Internacional sobre Estado, Sociedade e Políticas Públicas

“Estado e Políticas Públicas no Contexto de Contrarreformas”

20, 21 e 22 de junho de 2018

Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas - UFPI - Teresina - Piauí



concepção ignora o fato de que pobreza é um fenômeno estrutural e que requer o questionamento e transformação social e não só a nível acadêmico/curricular.

Assim, ao passo que é interessante perceber a interesse e motivação dos adolescentes entrevistados em manter a frequência escolar e chegar a concluir os anos de ensino é preocupante também que estejam sendo depositadas no sucesso acadêmico todas expectativas de um futuro diferente.

A escolarização é importante aspecto na diminuição da desigualdade econômica, mas, não é por si só garantia de ascensão ou de melhores oportunidades que rompam definitivamente com o empobrecimento.

No que diz respeito às expectativas de futuro “se formar”, “família”, “casar” e “dinheiro” foram termos que atravessaram todas as respostas dadas.

“Desejo ta formada, formar em psicóloga, tiver minha família e só e ter meu salário no bolso”. (E2, 14anos)

“E... eu quero terminar meus estudos, eu quero me formar. Mas em que eu ainda não sei ainda”. (E3, 13 anos)

“É tipo assim, eu espero assim me formar, trabalhar, casar, ter filho, ajudar minha família”. (E4, 14 anos)

“Espero pro futuro estudar. (risos) Pra... ser uma delegada”. (E7, 15 anos)

Destaca-se que uma das adolescentes relatou que no futuro quer “*ser alguém*” expressão que reforça a idéia de centralidade do trabalho na construção das subjetividades, quem se é, o que se é, se é alguém a partir do reconhecimento do trabalho que se tem.

Ser alguma coisa na vida. (E5, 14 anos)

Em linhas gerais, todos os adolescentes verbalizaram esperança e expectativas positivas para com o futuro, depositando na continuidade dos estudos a possibilidade de melhoria da qualidade de vida que tem.

O que você espera do futuro?

“Que seja bom, promissor e melhor que o presente, né, do que hoje”. (E1, 16 anos)

CONSIDERAÇÕES

II Simpósio Internacional sobre Estado, Sociedade e Políticas Públicas

"Estado e Políticas Públicas no Contexto de Contrarreformas"

20, 21 e 22 de junho de 2018

Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas - UFPI - Teresina - Piauí



De uma forma geral todos adolescentes entrevistados estão regularmente matriculados e com faixa etária entre 13 e 16 anos. Observa-se entre eles a existência de significativo índice de defasagem escolar e distorção série e idade.

Os adolescentes fazem referência ao local em que moram e às pessoas em que vivem quando pedidos para que falassem a respeito de si. O que afirma uma dimensão territorial e relacional (sócio-familiar) da compreensão de si.

Quando indagados sobre pobreza, pobre e educação, os entrevistados afirmam uma visão da pobreza baseada na negação e na ausência e representam o pobre como o que não tem o que comer e onde morar. Quanto à educação, entender esse conceito pelo viés do respeito para com os outros, os pais e os mais velhos.

No que diz respeito às dificuldades de continuidade do estudo relatam como principal entrave problema de acesso ao ambiente escolar, falta de transporte, escolas localizadas distantes de suas residências ou com horários que os expõem às condições climáticas extremas, como o sol excessivo.

Em geral os adolescentes afirmam acreditar na continuidade dos estudos como estratégia para melhorar as condições de vida individuais e da família, e, esperança com relação ao futuro.

Assim percebe-se que ainda recai sobre os adolescentes entrevistados, de forma bastante significativa a compreensão de que a superação da pobreza está diretamente ligada ao desempenho escolar e acadêmico destes jovens, o que ignora ou pouco questiona a desigualdade econômica enquanto aspecto estrutural que, por muitas vezes extrapola o desejo e dedicação individuais com a escolarização. Assim, a visão moralista da pobreza e do esforço individual de superá-la através dos estudos ainda predomina entre os jovens participantes deste trabalho.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Constituição Federal de 1988**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constitui%C3%A7ao.htm. Acesso em: 28 de junho de 2016.

_____. **Lei Orgânica da Assistência Social**. Lei 8742 de 1993. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8742.htm Acessado dia 28 de junho de 2012

_____. Ministério de Desenvolvimento Social. **Orientações Técnicas dos Centros de Referência da Assistência Social**. Brasília: DF; 2009

II Simpósio Internacional sobre Estado, Sociedade e Políticas Públicas

"Estado e Políticas Públicas no Contexto de Contrarreformas"

20, 21 e 22 de junho de 2018

Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas - UFPI - Teresina - Piauí



CAMPOS ONOKO, Rosana; CAMPOS, Gastão. Co-construção de autonomia: o sujeito em questão. In: CAMPOS, Gastão. **Tratado de Saúde Coletiva**. São Paulo: huctec, 2006.

CAMPOS, E.B. **Assistência Social**: do descontrole ao controle social. Revista Serviço Social e Sociedade, nº 88. São Paulo: Cortez. Novembro de 2006. P. 101 a 121. 78.

CARVALHO, M. C. B. **Gestão Social**: alguns apontamentos para o debate. In: Gestão Social uma questão em debate. Elizabete de Melo Rico e Raquel Raichelis (org), São Paulo: EDUC-Editora da PUC, 1999.

CIAMPA, Antônio. **A estória do Severino e a história da Severina**: Um ensaio de Psicologia Social. São Paulo: brasiliense, 2015, p. 253.

PONTES, Reinaldo Nobre. Concepções de pobreza dos atores sociais na política de assistência social no período FHC. **Revista Katálysis**, v. 13, n. 2, p. 181-190, 2010.

REGO, Walquiria; PINZANI, Alessandro. **Vozes do bolsa família**: autonomia, dinheiro e cidadania. 2.ed. São Paulo: Editora Unesp, 2014, p 249.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova**. 3^a. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1986.

SEVERINAS. Direção: Sérgio Machado e Eliza Capai. Agência Pública, 2013. Disponível em: <https://vimeo.com/73309361>>(10 min).

TELLES, V. S. **Pobreza e cidadania**. São Paulo, USP: Ed. 34, 2001.